

AS CIDADES DA MINERAÇÃO NA CHAPADA DIAMANTINA – BAHIA

Dante Severo Giudice⁶⁹
Rosemeri Melo e Souza⁷⁰

RESUMO

O processo de desenvolvimento urbano sempre acontece respaldado por uma atividade econômica que o desencadeia. Dentre essas atividades, a mineração tem sido responsável pelo crescimento de muitas cidades no mundo, dentre elas Sudbury (Canadá), e que não foi diferente no Brasil, bem como no estado da Bahia. O nosso caso de estudo, a Chapada Diamantina, situada na parte central do estado da Bahia, teve seu desenvolvimento alavancado pela mineração (principalmente de diamante), uma das atividades econômicas mais importantes existentes no mundo, já que tudo ou praticamente tudo que necessitamos nos dias atuais, é mineral. Dessa maneira, no século XIX, com o auge da exploração de diamante, começaram a surgir, junto aos garimpos, os núcleos urbanos, embriões das cidades, que é o foco deste trabalho, no qual procuramos evidenciar sua formação e dinâmica. Essas cidades se tornaram centros dessa atividade e elas tiveram um desenvolvimento urbano surpreendentemente rápido, com melhoria das edificações, consolidação do comércio, introdução de uma incipiente industrialização, além do crescimento demográfico. **Palavras-chave:** mineração, Geografia Urbana, Chapada Diamantina.

MINING CITIES IN DIAMANTINA CHAPADA – BAHIA

ABSTRACT

The urban development process always happens during any economic activity from which it come from. Among those activities the mining process has become the one responsible for the grown up of many cities around the world, such Sudbury in Canada, and it is quite obvious in Brazil too at Bahia state as well. At the Chapada Diamantina study, located at the central portion of Bahia state, had its

own development taken place by mining activities, mainly diamond one, which is one of the most important economic activity in the globe, as we can see in nowadays. In such aspect, since XIX century on the highest top of diamond exploration, it starts together some garimpos, the urban core, the beginning of some cities, which became the main core for such activities as they grown up very fast, with much better constructions building, good local trade, industrialization as well and increasing on the population.

Keywords: mining, Urban Geography, Chapada Diamantina.

LAS CIUDADES DE MINERÍA EN CHAPADA DIAMANTINA – BAHIA

RESUMEN

El proceso de desarrollo urbano siempre ha acontecido respaldado por una actividad económica que lo desencadena. De entre esas actividades, la minería ha sido responsable por el crecimiento de muchas ciudades en el mundo, entre ellas Sudbury (Canadá), y no ha sido diferente en Brasil, así como en el estado de Bahia. En nuestro caso de estudio, la Chapada Diamantina, situada en la parte central del estado de Bahia, ha tenido su desarrollo incentivado por la minería (principalmente del diamante), una de las actividades económicas más importantes existentes en el mundo, ya que todo o casi todo lo que necesitamos en los días actuales, es mineral. De esa forma, en el siglo XIX, con el apogeo de la explotación de diamantes, empezaron a surgir los núcleos urbanos, embriones de las ciudades que son el foco de ese trabajo, dónde procuramos evidenciar su formación y dinámica. Esas ciudades se tornarían centros de esa actividad, y tuvieron un desarrollo urbano sorprendentemente rápido, con mejoría de las edificaciones, consolidación del comercio, introducción de una incipiente industrialización, más allá del crecimiento demográfico.

Palabras clave: minería, Geografía Urbana, Chapada Diamantina.

INTRODUÇÃO



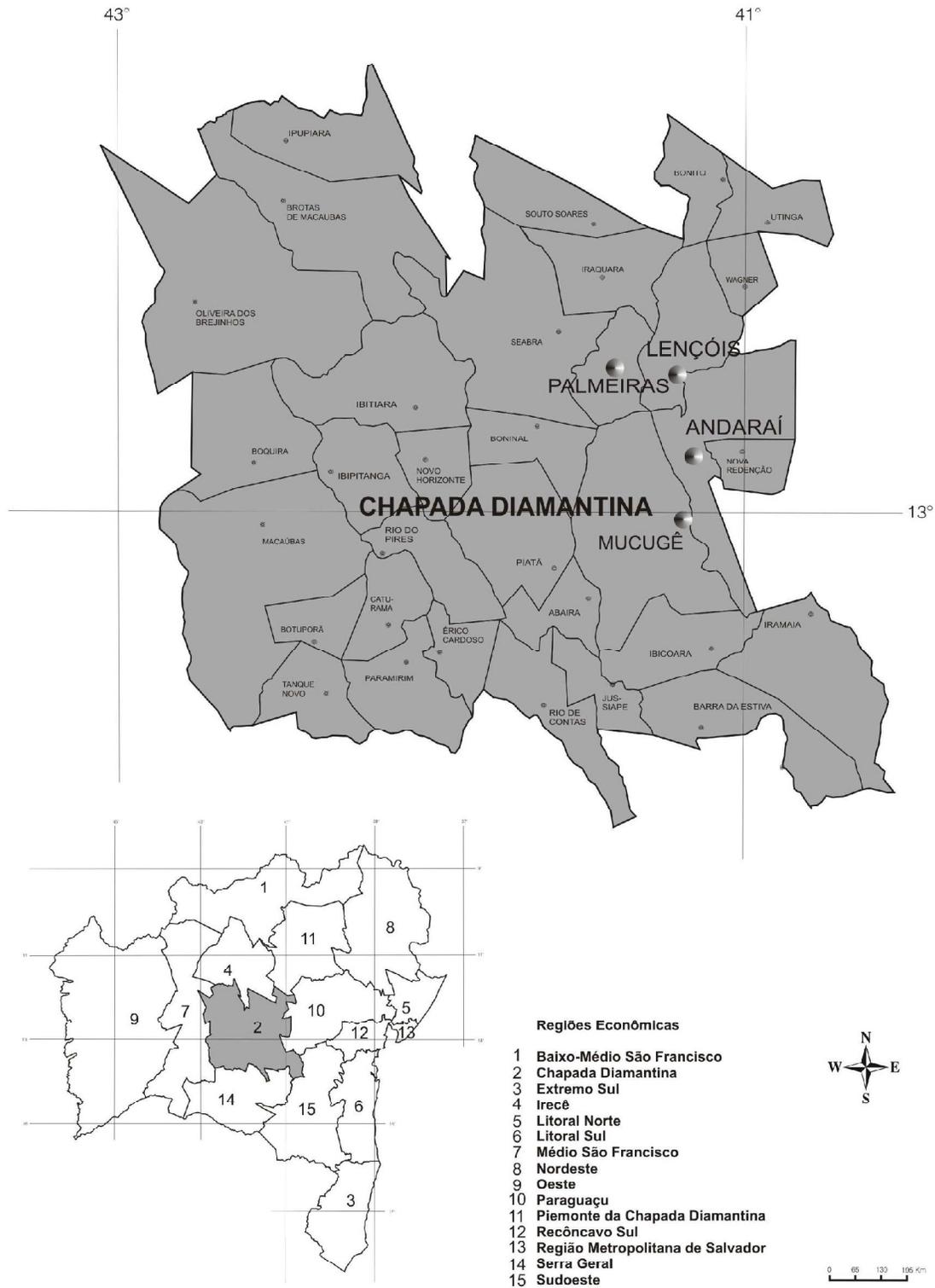
O processo de desenvolvimento urbano sempre acontece respaldado por atividades econômicas que o desencadeia. Dentre essas, a mineração tem sido responsável pelo crescimento de muitas cidades no mundo, tal como ocorrido em Sudbury (Canadá), e que não foi diferente no Brasil, mais especificamente, no estado da Bahia.

Neste trabalho denominamos Chapada Diamantina a toda área englobada pela região econômica baiana homônima, mas o nosso caso de estudo, se restringe ao local histórico ou lavrista, representado pelas cidades do diamante. Assim sendo, a parte central do estado da Bahia (Figura 1), formada por serras, teve seu desenvolvimento fomentado pela exploração de ouro e principalmente do diamante. Dessa forma, a história da ocupação populacional local está diretamente ligada ao **ciclo da mineração**⁷¹, uma das atividades econômicas mais importantes existentes no mundo, já que tudo ou praticamente tudo que necessitamos nos dias atuais é mineral.

Esse povoamento começou em Jacobina, situada ao norte da Chapada Diamantina, por volta de 1701, com a descoberta das primeiras jazidas de ouro. Embora vedada, a exploração perdurou até a liberação do garimpo naquele local, por meio da Carta Régia, de 5 de agosto de 1720. A fase áurea do ciclo do ouro baiano durou quase dois séculos, até os primórdios do século XX, quando a descoberta de jazidas em Minas Gerais provocou uma queda de 75% em seu preço no mercado internacional. Entretanto, a proibição da mineração clandestina em outras localidades continuou por mais um século, no entanto novas áreas de diamantes foram descobertas na Chapada. Em 1822, houve uma grande migração de pessoas para essas áreas, devido à legalização dessa prática furtiva, alavancando a ocupação territorial, dando início à implantação de vilas e povoados (NOLASCO, 2002).

A questão do crescimento das cidades está estritamente ligada ao processo histórico de urbanização que por sua vez introduz a problemática do movimento progressivo da civilização. Para Ferreira (1986, p. 561), desenvolvimento corresponde ao “[...] estágio econômico, social e político de uma comunidade, é caracterizado por altos índices de rendimento dos fatores de produção, ou seja, os recursos naturais, o capital e o trabalho”. Outro conceito reconhecido o define como sendo “[...] o processo de articulação das estruturas políticas, sociais e econômicas do país com o objetivo de garantir o bem-estar de sua população” (RODRIGUEZ, 2001, p. 2).

CHAPADA DIAMANTINA SITUAÇÃO



Fonte: MAPA REGIÕES ECONÔMICAS DO ESTADO DA BAHIA, CBPM, 2004.

Figura 1 - Região econômica baiana Chapada Diamantina – situação.

Segundo Castells (1973), o termo urbanização tem dois sentidos distintos: a) concentração espacial de uma população, a partir de certos limites de dimensão e de densidade, e b) difusão de sistemas de valores, atitudes, e comportamentos denominados **cultura urbana**. Esse procedimento está sempre ligado a uma ação desencadeadora, que no caso da região econômica Chapada Diamantina foi a mineração.

Dessa maneira, no século XIX, com o auge da exploração de diamante, começaram a surgir, junto aos garimpos, os núcleos urbanos, embriões de Mucugê, Rio de Contas, Barra da Estiva, Igatu, Andaraí e Lençóis, que se tornaram centros dessa atividade e que tiveram um crescimento surpreendentemente rápido, com melhoria das edificações, consolidação do comércio, introdução de uma incipiente industrialização, além do incremento demográfico.

Cabe aqui definir o termo cidade que é derivado do latim *civitate*, e é interpretado por Ferreira (1986, p. 403) como um “[...] complexo demográfico formado, social e economicamente, por uma importante concentração populacional não agrícola, i.e., dedicada a atividades de caráter mercantil, industrial, financeiro e cultural”, e que Garcez (2002, p. 87) declara ser “[...] o espaço preenchido continuamente por um aglomerado humano, denso e permanente, que se ocupa, na sua maioria, de atividades não agrícolas, constituindo uma cultura heterogênea definida por suas funções e por gênero de vida”.

Assim, essas localidades, em especial Lençóis que em seu apogeu abrigou um grande contingente populacional atraído pela prática mineira, se enquadram nos conceitos expostos como fruto de um processo fisicoterritorial de conformação do ambiente construído, relacionado com o termo cidade, como também um fenômeno social, econômico e institucional, correlato ao vocábulo urbano (HARDT e colaboradores, 2003, p. 5). O florescer de Lençóis incitou o interesse do capital internacional, ali representado pelo vice-consulado francês, que para alguns autores era apenas um escritório que intermediava a compra do diamante entre garimpeiros e os joalheiros europeus, pois:

[...] Não há documentos oficiais do governo francês que comprovem a existência desse sub-consulado e do seu funcionamento no século passado. Entretanto, nos documentos do estado da Bahia há referências oficiais sobre uma casa comercial pertencente a funcionários do governo francês (GUANAES, 2001, p. 57).

A **febre** da riqueza começou a gerar uma série de lutas políticas na região. Com as crescentes descobertas de diamantes, duas grandes correntes migratórias com grandes diferenças sociais e culturais começaram a entrar em confronto na região. Uma originária do planalto central, do alto sertão baiano e do vale do São Francisco, e outra proveniente do extremo leste baiano, constituída por comerciantes do Recôncavo, descendentes ou mesmo portugueses, que representavam os interesses da Coroa. Esses enfrentamentos geraram constante desordem até o início do século XX, quando em plena decadência da mineração, as rixas familiares atingem uma violência nunca vista na Chapada Diamantina. Disputas e conflitos deixaram muitos povoados incendiados e a economia sertaneja totalmente aniquilada, até o fim da Revolução de 1930, quando as armas finalmente foram entregues e muitos coronéis foram presos e encaminhados a Salvador (NOLASCO, 2002).

O fim do efêmero ciclo do bem mineral levou à decadência essas localidades, entretanto já havia sido instalada a **rede urbana**, que neste trabalho são denominadas as cidades do diamante, guardando traços urbanísticos que caracterizavam a época do apogeu. Essas **rugosidades**, como denominado por Milton Santos, viriam servir de atrativos, a partir do século XX, para o turismo.

O CONTEXTO DAS CIDADES COLONIAIS

O Brasil, do final do século XVIII até o início do XX, era um extenso território de baixíssima ocupação populacional, concentrada basicamente no litoral. Poucos centros comandavam a extração de recursos naturais em amplas regiões, sendo o restante das localidades composto por meras aldeias, acampamentos, povoados, missões e, em casos especiais, vilas, constituindo o que poderia se denominar uma **rede urbana**. O próprio sistema colonial baseado no latifúndio, no trabalho escravo e no monopólio comercial da Coroa Portuguesa impedia a expansão e a consolidação da base cidadina, no entanto:

As vilas e cidades coloniais no Brasil e em toda América Ibérica, diferiam claramente das cidades do capitalismo mercantil na Europa. Enquanto aquelas foram o espaço privilegiado onde a cidadania foi (re) constituída tornando-se o lócus da revolução burguesa, as formas urbanas nas colônias ibero-americanas foram expressões de um poder altamente centralizado representado e exercido pelo Estado



monárquico absolutista. Entretanto da mesma forma como a cidade capitalista embrionária expressou as contradições básicas do sistema feudal e absolutista na Europa, eventualmente destruindo-o por dentro para dar origem a um novo modo de produção e sua nova classe dominante, a cidade colonial se tornou o espaço social onde as contradições do sistema colonial apareceram mais claramente. À medida que o produto social extraído no campo da colônia ganhou importância, também o ganharam as vilas e cidades e acentuando as contradições do sistema. Os conflitos para controlar os espaços de poder que as cidades coloniais representavam envolveram o Estado colonial, a Igreja, o capital comercial, e outros interesses locais e regionais da colônia que incluíam demandas e pressões colocadas pelos grupos sociais mais explorados, tais como os trabalhadores urbanos, índios, mestiços e escravos negros. Em lugar nenhum da colônia tais conflitos entre as formas urbanas nascentes e o sistema colonial foram tão expressivos como nas cidades mineradoras (MONTE-MÓR, 2001, p. 30).

Dessa forma, as cidades da mineração contribuíram de modo substancial para a integração macrorregional do território brasileiro, já que abrigavam as levas de migrantes que afluíam às localidades mineradoras, caracterizadas por ser um grande vazio demográfico, e com dificuldades de transporte, tendo em vista que, em geral, se situavam em áreas inóspitas, portanto, foram responsáveis pela efetiva ocupação da área interior da colônia. Ainda que frágil a rede de lugares centrais de apoio à produção extrativa mineral, teve impactos diretos na ocupação dos rincões nacionais, pois:

A natureza exclusivamente extrativa da economia urbana mineradora implica, de um lado, no surgimento de núcleos marcados pela concentração e centralização das atividades de produção, reprodução/consumo, circulação/distribuição e gestão num mesmo espaço (urbano), acelerando assim a formação de uma cultura (urbana) onde a concentração do excedente coletivo, a base de organização social comunitária, a ordem legal e o poder constituídos e o lócus da festa se encontram no espaço/obra coletiva. De outro lado, implica no fortalecimento de uma região complementar, tão vasta quanto a intensidade da economia urbana que a gerou, oriunda do aprofundamento da divisão sócio-espacial do trabalho implícita ao necessário abastecimento daquela forte e setORIZADA economia. A grande demanda por mão de obra nas minas e a inviabilidade

econômica (e cultural, dado o apelo das **febres mineradoras** de se retirar tempo/trabalho da produção mineral para a produção alimentar e de serviços, face à enorme rentabilidade (potencial, pelo menos) da atividade mineradora, gerou os mercados (urbanos) até então inexistentes nas regiões de economia de subsistência e/ou fazendas e engenhos escravagistas. O resultado é o fortalecimento sem par na colônia de uma rede urbana, tanto diretamente ligada à produção mineral quanto indiretamente, produzindo alimentos, serviços de transporte, etc. (MONTE-MÓR, 2001, p. 4-5).

Os debates sobre evolução e/ou da história cultural urbana, raramente, trazem à tona as localidades ligadas à mineração, cujos exemplos contemporâneos são as locações inglesas de extração de carvão, razão pela qual os relatos centrados nelas são poucos. É notório que a atividade mineradora produz um recinto bem diferente da tradicional cidade política, historicamente tida como sede de controle de um espaço de produção externo, não só no Brasil, mas também no mundo. Os ambientes oriundos da exploração mineral vêm questionar a tese de que as cidades surgiram dos avanços tecnológicos do campo, e é a partir daí que se pode melhor compreender as especificidades encontradas em Minas Gerais e seu impacto na urbanização e formação do espaço brasileiro.

Dentro da discussão da organização do espaço urbanorregional, dois aspectos devem ser levados em consideração, a natureza e amplitude da organização regional e a urbanidade que caracteriza as localidades industriais, espaço que encerra a produção, a distribuição e a reprodução que se constituiu, desde o século XVIII como elemento integrante central da realidade presente em Minas Gerais. As principais características das cidades da mineração era que elas se constituíam de uma população livre expressiva, muitas vezes maior que a mão de obra escrava, um fato raro na colônia. Elas possuíam uma classe média urbana desenvolvida, que exigia um comércio e demais atividades capazes de atender as novas necessidades, inclusive culturais, o que levou a ampliação e diversificação das funções urbanas fundamentais, e aprofundou, tanto localmente quanto regionalmente, a divisão socioespacial do trabalho, e se traduziu num sistema urbano jamais visto na colônia.

A produção de um espaço regional derivado de atividades mineradoras tem paralelos em várias partes do mundo e no Brasil, particularmente em Minas Gerais. Segundo Monte-Mór (1998, p. 3), a



cidade que progride com base nos recursos minerais localmente definidos é uma comunidade de base industrial, necessariamente integrada em um sistema regional maior. Entretanto, na Chapada Diamantina, esse desenvolvimento aconteceu dissociado de tal premissa, já que as povoações surgiram da emergência de uma economia urbana forte, centrada na exploração mineral, o que carecia de uma oferta de serviços e bens manufaturados, para atender essa **burguesia** citadina (JACOBS, 1969, p. 136). É a transformação da localidade política em uma mercantil (LEFEBVRE, 1972, p. 231), e caracterizada, segundo Mumford (1961, p. 468), pela transição da centralidade dos locais politicoideológicos (templos, palácios) para os comerciais, mas especificamente, para a praça do mercado.

Tais diferenças ficam evidentes no texto de Monte-Mór (1998, p. 5), no qual ele afirma que:

As cidades mineradoras mineiras foram assim, muito mais do que espaços de produção mineral, desde suas origens espaços de organização sócio-política e religiosa, além de centros de comando de uma ampla economia regional que se estruturou no seu entorno. Nesse sentido, constituíram-se de fato como cidades na acepção total do termo: espaços de concentração de um excedente econômico expresso na qualidade do espaço urbano e na monumentalidade das edificações; espaços de intensa organização social e política, geradoras de novas práticas sociais; e espaços de forte expressividade simbólica, cultural e religiosa na sua organização arquitetônica e urbanística.

Assim sendo, dentro do processo de urbanização na Chapada Diamantina, destaca-se Lençóis que surgiu em meados do século XIX, como extensão da descoberta de jazidas de diamantes na região de Mucugê e expandiu surpreendentemente sua área de influência. Contam os antigos que por volta de 1844 o Senhor Cazuza do Prado e o seu escravo vieram de Mucugê e terminaram por descobrir diamantes:

O escravo encheu os piquais e o senhor mandou o pajem vendê-los à Chapada Velha. O homem foi então preso como ladrão de estrada, mas sabida a história, o povo partiu em busca da nova lavra. Essa corrida, fazia com que, quem chegasse na época poderia ver de cima da serra os tetos das barracas estendidas, como se fosse uma verdadeira **cidade de lençóis**, daí a origem do nome. A notícia da descoberta propagou-se mais ainda e para lá vieram aventureiros de toda a parte da Província. Alguns de poucos recursos, outros

abastados, opulentos e com grandes recursos, inclusive numerosa escravatura, mas todos com o mesmo ideal: adquirir riquezas na **Cidade de Lençóis** (TEIXEIRA, 1998, p. 15-16).

O garimpo era um local típico nas lavras diamantinas com seus ranchos, suas bateias e outros instrumentos peculiares à região e utilizados na busca de diamantes e carbonados desde os primeiros tempos de mineração. As jazidas dessas pedras preciosas ficavam em algumas planícies, leitos de rios, riachos e nos canais naturais, mas eles são originados da desagregação de uma **rocha mãe**, até os dias atuais, não detectada. Esse bem mineral era considerado o **rei das pedras**, e na lida os homens trabalhavam intensamente ao som do disco giratório e do bater rítmico das águas na roda que impulsionava a indústria e fazia brilhar ainda mais as gemas que serviam de adereço para as damas da sociedade, e incrementava a expansão das cidades do entorno.

AS CIDADES DE MINERAÇÃO NA CHAPADA DIAMANTINA

No auge do ciclo, a região de Lençóis foi a maior produtora mundial de diamantes, posição hoje ocupada por Angola. A riqueza gerada com a mineração desse bem mineral possibilitou na época a importação de moda, estilo e novidades da Europa. Como a pedra era abundante em toda a região, outras cidades, como Andaraí, Mucugê, Igatu, Palmeiras, Guiné e Caeté Açu, também se desenvolveram como mostra a Figura 2, que evidencia a importância dessa gema sobre o processo de urbanização das mesmas, o que será detalhado a seguir.

MUCUGÊ

Fundada na década de 1840, foi a primeira localidade baiana onde foram descobertos diamantes de grande valor. Teve outras denominações como São João do Paraguaçu, Santa Isabel do Paraguaçu e Paraguaçu Diamantino. As suas importantes riquezas minerais fizeram com que ela tivesse crescimento vertiginoso, atingindo quase 25.000 habitantes no apogeu da exploração da pedra preciosa (Figura 2a). A queda dessa produção associada aos eventos climáticos que assolaram a região, como a grande seca de 1877, causou também um declínio populacional. A população oscilou entre



o fim do século XIX e o início do século XX, quando o carbonado, variedade do diamante, atingiu altos valores no mercado internacional, devido à construção do canal do Panamá, quando era utilizado para perfurar as rochas para abertura da referida ligação Atlântico-Pacífico. Por volta de 1910 a cidade possuía mais de 30.000 habitantes, mas a partir daí, com a descoberta do carbonado na África, ela entrou em decadência, e passou a viver em função da modesta atividade agrícola (café e cereais). Nos anos 80 do século passado, ela retoma o crescimento populacional, com o incremento do turismo, mas nunca atingindo aquele contingente humano (NOLASCO, 2002).

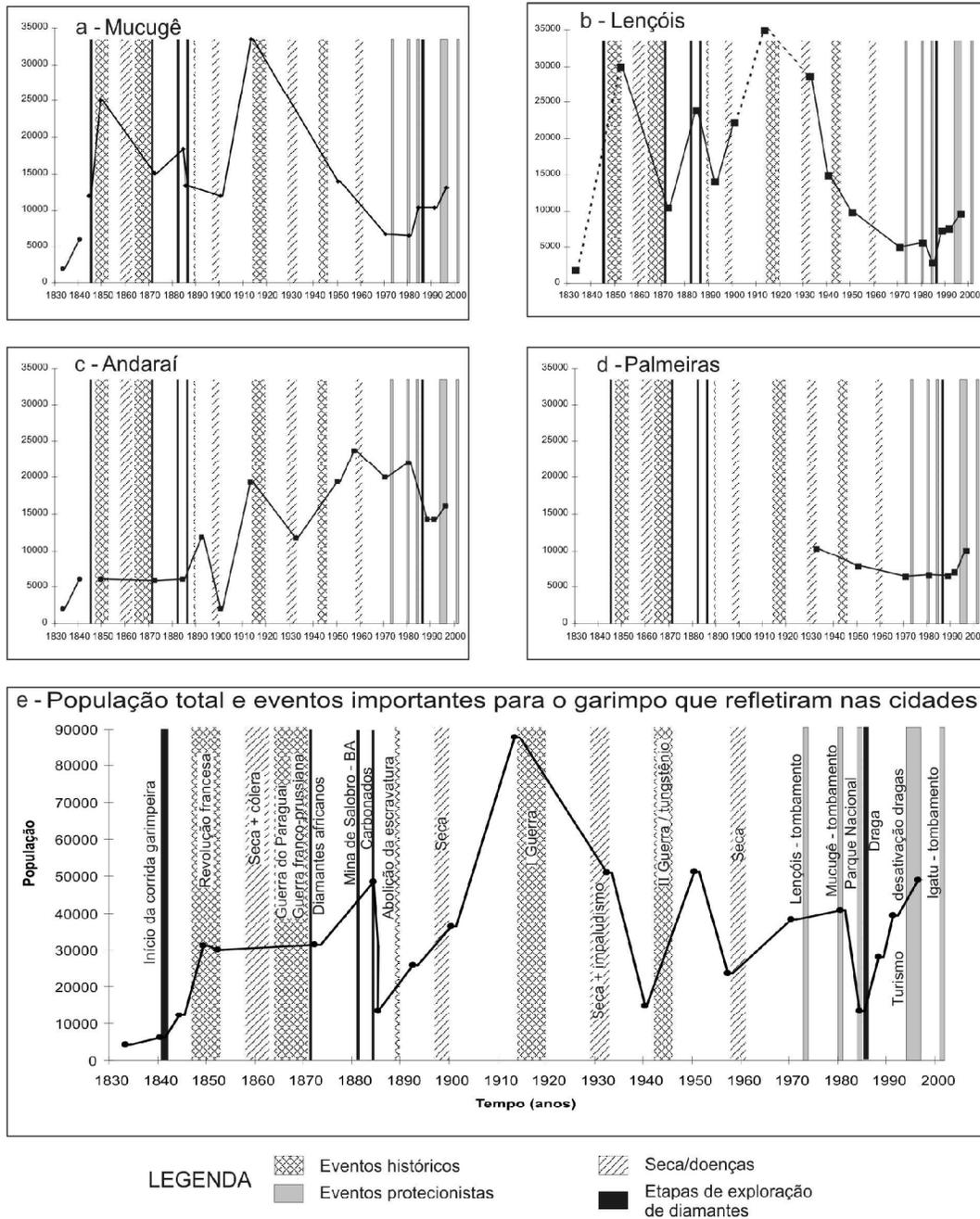


Figura 2 - Variação da população de quatro cidades da região econômica baiana Chapada Diamantina, no período de 1830 a 2000. Fonte: Nolasco (2002).

LENÇÓIS

Irrompeu em 1845, com os achados das pedras preciosas (Figura 2b). Foi elevada à condição de vila em 1856, e em 1864 à categoria de cidade. Tornou-se a **Capital das Lavras**, e passou a ser

apontada como **Vila Rica da Bahia**. Teve seu crescimento ligado aos mesmos motivos do desenvolvimento de Mucugê, no entanto teve uma maior ocupação humana. Durante os anos em que a mineração esteve no auge operacional, ostentou uma situação privilegiada, quando se tornou centro comercial de grande importância dado o movimento que então se processava em sua urbe. Tal como acontecido em Mucugê, sofreu os fortes impactos causados pela decadência das lavras minerais, sendo resgatada com o advento do turismo (NOLASCO, 2002).

ANDARAÍ

Nascida da ampliação das ricas minas de Mucugê, mas nunca chegou a ter a importância das já comentadas localidades. Teve origem por volta de 1845, quando se estabeleceram os primeiros ocupantes do vale do Andaraí (Figura 2c). Segundo Gomes (1952, p. 233), “desta ocupação ao surgimento de uma localidade apenas mediam dias”.

A expansão foi rápida, entretanto só em 1888 alcançaria a condição de vila, e três anos depois a de cidade. Diferentemente das demais, teve seu crescimento no período de declínio daquelas, entre 1960 e 1980, devido às atividades agrícolas. O aumento populacional decorrente das atividades turísticas somente veio a surgir mais tardiamente que as demais, no fim do século passado.

PALMEIRAS

O povoamento teve início na segunda metade do século XVIII (Figura 2d), quando pequenos agricultores se fixaram em Lavrinhas, que mais tarde se tornaria Palmeiras. O apogeu se deu com a descoberta das lavras de diamantes, às margens do rio Lajedinho, que atraíram principalmente a partir de 1855, garimpeiros de outras regiões da Chapada. Com a exploração do bem mineral, se torna um próspero arraial, ostentando um imponente casario abrigando cerca de 10.000 habitantes, sem, contudo, rivalizar com Lençóis e Mucugê, (NOLASCO, 2002).

Apesar da prosperidade, o povoado de Palmeiras, permanecia ligado a Lençóis, sendo elevado à categoria de vila só em 1890, e à cidade no ano seguinte.

Não apresentou significativas alterações no contingente humano, sofrendo pequeno declínio no fim do século XX e com retomada de crescimento devido ao ecoturismo destinado ao vale do Capão, a 20 km da sede.

Como demonstrado na Figura 2e, a variação do conjunto de habitantes das quatro cidades enfocadas neste trabalho está intimamente ligada aos eventos históricos regionais e nacionais, a exemplo da abolição que fez com que os escravos libertos migrassem, causando queda populacional (fim do século XIX), e do incremento do turismo, com base nas **cicatrices** deixadas pela mineração, que vem propiciando a fixação de novos moradores nessas localidades desde as últimas décadas do século XX.

APOGEU E DECADÊNCIA

Teixeira (1998, p. 13) relata que, após atingir a notoriedade devido as suas reservas minerais, a região transformou-se no maior centro do coronelismo e de seus sectários, retratando uma característica bem diversa das demais áreas mineiras, mas bastante típica no norte/nordeste do Brasil.

No sertão baiano, homem valente já foi sinônimo de jagunço. Lutador por ideal ou profissão, mas, não era o mesmo que cangaceiro. Era soldado sertanejo, a serviço de uma causa e de um chefe, que desconhecia o medo no campo de batalha. Horácio de Matos, que dominou a região das Lavras Diamantinas, foi o último e o maior de todos os chefes da jagunçada. O próprio governo de Epitácio Pessoa foi obrigado a assinar com ele um acordo de pacificação, e a Coluna Prestes teve de mudar sua rota depois que invadiu os seus domínios.

Com o fechamento do garimpo, a partir de meados do século passado, as cidades da mineração na Chapada Diamantina enfrentaram grande crise econômica, pois deixou de existir seu principal meio de subsistência, e os benefícios por ele trazidos não foram capitalizados no sentido de deslanchar o desenvolvimento, muito provavelmente pela estrutura socioeconômica arcaica reinante (NOLASCO, 2002).

Nos dias atuais, a exploração ainda continua, mas de forma mais lenta. Apesar das pesquisas continuarem a indicar uma grande probabilidade em se localizar o filão principal dos diamantes, uma nova corrida a esse bem seria pouco plausível de ocorrer, pois, essa



nova fase seria muito mais voltada para grandes empreendimentos (empresas), o que poderia acarretar numa expansão das cidades, mas de uma forma bem diferente da inicial, mais próxima da tradicionalmente conhecida. Entretanto, o rastro deixado pelo período áureo da mineração aliado aos atrativos naturais, fizeram surgir uma nova perspectiva econômica – o turismo – que vem modificando a dinâmica local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mineração como toda atividade econômica é fomentadora do desenvolvimento urbano. No caso da Chapada Diamantina ela foi a principal responsável pelo surgimento e expansão das cidades que se multiplicaram para garantir a sua sustentabilidade, pois, devido a precariedade das vias de circulação, era imprescindível a existência de um local onde se concentrasse a infraestrutura essencial à manutenção dos garimpos, principalmente o comércio, ligado aos gêneros de primeira necessidade ou à negociação das pedras preciosas, além de outros empreendimentos eminentemente citadinos.

Assim sendo, a mineração tornou-se a propulsora desse crescimento bem como a responsável pela disseminação dessa **cultura**, tendo em Lençóis o seu principal exemplo, onde era grande a influência de costumes da Europa. O fortalecimento da rede lugares centrais beneficiou não somente a mineração; a agropecuária também foi impulsionada, além do incremento na oferta de serviços e ampliação da rede de transportes. Na Chapada Diamantina, foi o valor de uso do próprio diamante que produziu a dinâmica econômica da região, sendo as povoações as organizadoras e mediadoras.

Entretanto, a efervescência civilizatória que caracterizou as cidades da mineração com geração de riquezas, grande fluxo demográfico, demanda de produtos importados, tentativas repetidas de produção local (sempre reprimidas pelo poder central), intenso mercantilismo e incremento do terceiro setor, construiu de fato uma economia urbanorregional que teve forte impacto no Brasil. No entanto, na Chapada Diamantina, ao contrário do ocorrido em Minas Gerais, a urbanidade não garantiu a pujança após a exaustão das minas, e a tradição local se arrefeceu, levando à decadência desses povoamentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTELLS, M. **La question urbaine**. Paris: Ed. François Maspero, 1973.
- FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GARCEZ, L. A. L. **Planejamento urbano: síntese das doutrinas e teorias urbanísticas**. Curitiba: UFPR, 2002.
- GOMES, J. Povoamento da Chapada Diamantina. **Revista IGHB**. Bahia, n. 77, p. 221-238, 1952.
- GUANAES, S. A. **Nas trilhas dos garimpeiros de serra: garimpo e turismo em áreas naturais na Chapada Diamantina - BA**. 2001. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
- HARDT, L. P. A.; HARDT, C.; OBA, L.T. Planejamento do desenvolvimento urbano sustentável. SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GESTÃO URBANA. Curitiba, Agosto, 2003.
- JACOBS, J. **The ecomomy of cities**. New York: John Wiley & Sons, 1969.
- LEFÈBVRE, H. **La revolución urbana**. Madrid: Alianza, 1972, cap. 2 e 3.
- MONTE-MÓR, R. L. de M. **A fisionomia das cidades mineradoras**. Belo Horizonte: CEDEPLAR/FACE/UFMG, 1998.
- MONTE-MÓR, R. L. de M. **A gênese e estrutura da cidade mineradora**. Belo Horizonte: CEDEPLAR/FACE/UFMG, 2001.
- MUMFORD, L. **The city in history**. London: Martin Secker & Warburg, 1961.
- NOLASCO, M. C. **Registros geológicos gerados pelo garimpo, lavras diamantinas – Bahia**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- PEDREIRA, A. J. 1994. **O Supergrupo Espinhaço na Chapada Diamantina**. Tese (Doutorado em Geologia); Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 126 p.



RODRIGUEZ, J. M. M. Desenvolvimento sustentável: níveis conceituais e modelos. In: RODRIGUEZ, J. M. M. & SILVA, E. V. da. (org.) **Desenvolvimento local sustentável**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2001.

SCHOBENHAUS, C. **O Proterozóico Médio no Brasil com ênfase na região centro-leste**: uma revisão. Tese (Doutorado). 1993. Universidade de Freiburg, Alemanha.

TEIXEIRA, C. **Mineração na Bahia**: ciclos históricos e panorama atual. Salvador: Superintendência de Geologia e Recursos Minerais, 1998. 208 p.: il.

UHLEIN, A., CHAVES, M. L. S. C. O Supergrupo Espinhaço em Minas Gerais e Bahia: correlações estratigráficas, conglomerados diamantíferos e evolução geodinâmica. **Rev. Bras. Geoc.**, v.31, p.433-444, 2001.

